



**"MODERNAS! SÃO PAULO
VISTA POR ELAS": A PRESENÇA
JUDAICA NA FORMAÇÃO DO
MODERNISMO BRASILEIRO SOB
À LUZ DA HISTÓRIA PÚBLICA**

HELENA RAGUSA GRANADO* 
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ,
MOURÃO, PARANÁ, BRASIL

CAROLINA OLIVA R. DE OLIVEIRA** 
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ,
MOURÃO, PARANÁ, BRASIL

RESUMO

Neste artigo discutiremos alguns aspectos da exposição “Modernas! São Paulo vista por elas”, trazida pelo Museu Judaico de São Paulo, e as narrativas fotográficas produzidas por sete mulheres judias que para o Brasil vieram entre as décadas de 1930 e 1950. Restritas a contextos de produção e divulgação, fora dos círculos comuns, as obras revelam forte contribuição ao modernismo brasileiro. O que o museu propõe é a ampliação dos públicos para uma história desconhecida, mas que pode ser pensada a partir dos contributos da História Pública, ao mesmo tempo que se entrecruza com a experiência estética de Walter Benjamin (1994).

Palavras-chave: Judaísmo; Modernismo; fotografia.

ABSTRACT

In this article we will discuss some aspects of the exhibition “Modern! São Paulo seen by them”, brought by the Jewish Museum of São Paulo, and the photographic narratives produced by 7 Jewish women who came to Brazil between the 1930s and 1950s. Restricted to contexts of production and dissemination, outside of ordinary circles, the works reveal a strong contribution to Brazilian modernism. What the museum proposes is the expansion of the public to a history unknown, but that can be thought from the contributions of Public History, while intertwining with the aesthetic experience of Walter Benjamin (1994).

Keywords: Judaism; Modernism; photography.

RESUMEN

En este artículo discutiremos algunos aspectos de la exposición “¡Moderno! São Paulo vista por ellas”, traída por el Museo Judío de São Paulo, y las narrativas fotográficas producidas por 7 mujeres judías que para Brasil vinieron entre las décadas de 1930 y 1950. Restringidas a contextos de producción y divulgación, fuera de los círculos comunes, las obras revelan fuerte contribución al modernismo brasileño. Lo que el museo propone es la ampliación de los públicos para una historia hasta desconocida pero que puede ser pensada a partir de las contribuciones de la Historia Pública, al mismo tiempo que se entrecruza con la experiencia estética de Walter Benjamin (1994).

Palabras clave: Judaísmo; Modernismo; fotografía.

* Doutora em História, com ênfase em História Política pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: helenaragusagranado@gmail.com

** Mestre em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: caahrollys@gmail.com

In the first place we don't like to be called "refugees". We ourselves call each other "newcomers" or "immigrants"¹.

INTRODUÇÃO

“Esta é a casa de todos os povos”. Essa é a mensagem com a qual o visitante que vai até o Museu Judaico de São Paulo (MUJ) se depara quando chega à instituição². Construído no antigo Templo *Beth-El*³, sinagoga histórica, marco da organização da comunidade judaica paulistana, o museu, inaugurado ao final de 2021, surgiu de uma iniciativa privada; é um espaço que, a exemplo de outros museus judaicos do mundo, conecta o judeu ao público brasileiro.

A perspectiva plural com a qual o grupo é tratado parte da compreensão sobre a “riqueza da condição e da cultura judaica”, uma identidade que pode ser “várias coisas ao mesmo tempo”⁴. Uma visão que está em todo o espaço museal, a começar pela entrada, onde uma sequência de vídeos é transmitida com uma série de depoimentos de pessoas que buscam responder “o que é ser judeu”.

A impossibilidade de uma única definição capaz de responder à pergunta revela a complexidade em lidar com essa identidade, algo para o qual o MUJ atentou desde o início, e que Isaac Deutscher parecia tão bem compreender:

Se não é raça, que é então que faz um judeu? Religião? Eu sou ateu. Nacionalismo judaico? Sou internacionalista. Dessa forma, em nenhum dos dois sentidos sou judeu. Sou judeu, entretanto, pela força de minha incondicional solidariedade aos perseguidos e exterminados. Sou judeu porque sinto a tragédia judaica como minha própria tragédia; porque sinto o pulsar da história judaica; porque daria tudo que pudesse para assegurar aos judeus auto-respeito e segurança reais e não fictícios⁵.

Esse é o judeu que aparece nos cinco séculos retratados nas narrativas espalhadas pelos quatro andares do edifício, que, por cerca de duas décadas, foi pensado e planejado e que busca dialogar tanto para os de dentro da comunidade quanto para o público que não é judeu. Nelas, as estratégias e os mecanismos de resistência, bem como a atuação “ampla e diversificada”⁶ que caracterizou a vinda e o estabelecimento dos de origem hebreia para cá, formando suas redes de sociabilidade e negociações, aparecem nas memórias, histórias, tradições e valores de um judaísmo plural, mas por muito tempo “subterrâneo”, uma das marcas de um Brasil profundo.

1 ARENDT, H. *The Jewish writings*. New York: Schocken Books, 2007. p. 264.

2 A frase escrita em 1932, em hebraico, se encontra na fachada do antigo templo e foi mantida.

3 Situada no Bairro da Bela Vista, a sinagoga foi projetada em 1929 e finalizada em 1932 pelo arquiteto de origem russa Samuel Roder (1894-1985). A construção foi tombada em 2013 pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico de São Paulo (CONPRESP).

4 SORJ, B. *Judaísmo para todos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 20.

5 DEUTSCHER, I. *O judeu não-judeu e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 49.

6 Identificada outrora por Anita Novinsky em seus estudos acerca da presença judaica na Bahia colonial (*Cristãos-novos na Bahia: a inquisição 1624 – 1654*. São Paulo: Perspectiva, 1972).

Por meio das exposições, especialmente aquelas de longa duração, “A vida Judaica” e “Judeus no Brasil: histórias trançadas”, é possível acessar as várias correntes imigratórias que, num fluxo “contínuo e ininterrupto”, se deram no país, mas não só; o museu, que tem em um de seus pilares a coexistência entre variados grupos sociais e identidades, também se preocupa com o cenário atual, “reflete sobre o tempo presente e cria tranças com a diversidade cultural do contexto brasileiro, acionando debates sobre preconceito, intolerância e outras questões sociais e políticas urgentes”⁷.

No dia em que abriu as portas para o público pela primeira vez, o museu contou com quatro exposições, duas delas temporárias e outras duas permanentes. Além disso, o museu possui “um acervo fixo com cerca de dois mil itens entre vestimentas, documentos, objetos, obras de arte, discos e livros, a maior parte doados pela própria comunidade judaica”⁸.

A instituição conta também com um Centro de Memória (CDM), que acolhe desde 2015 um acervo significativo do arquivo histórico da Universidade de São Paulo (USP) e que também conta com um volumoso “espólio do antigo Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, coletando e catalogando documentos raros sobre a comunidade judaica no Brasil”; o intuito “é revitalizar esse acervo documental, tanto no seu aspecto físico, de restauração, conservação e catalogação, quanto no âmbito narrativo”⁹.

Constituindo outro importante pilar que sustenta o MUJ, o caráter educativo se dá por meio de ações que se caracterizam pela mediação cultural, como o programa “Educação e Participação”, que, comprometido com seus diferentes públicos, volta-se para “a produção de experiências compartilhadas e à construção de conhecimento por meio do diálogo, da troca e do debate”¹⁰.

Uma forma de lidar com o conhecimento histórico que segue na vertente de uma "História Pública que queremos" se dá pela construção colaborativa, que, uma vez contada dentro do museu, mescla-se a uma escrita muito particular ao universo museal que se organiza a partir de uma

Série de objetos sistematicamente estabelecida, assim como pelas narrativas expositivas, que se combinam com outras ações, como publicações dinâmicas com o público, e que

7 ARRUDA, F. Museu Judaico de São Paulo é inaugurado conectando histórias, cultura e discussões contemporâneas. *Revista Museu*, São Paulo, 17 nov. 2021. Disponível em: [W](#). Acesso em: 22 ago. 2023. p. 1.

8 DEPOIS de 20 anos em obras, Museu Judaico de SP abre as portas neste domingo. *CNN Brasil*, São Paulo, 3 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/viagemgastronomia/noticias/depois-de-20-anos-em-obras-museu-judaico-de-sp-abre-as-portas-neste-domingo/>. Acesso em: 26 ago. 2023. p. 1.

9 MUSEU Judaico de São Paulo é inaugurado conectando histórias, cultura e discussões contemporâneas. *Revista Museu*, São Paulo, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/12754-17-11-2021-museu-judaico-de-sao-paulo-e-inaugurado-conectando-historias-cultura-e-discussoes-contemporaneas.html>. Acesso em: 26 ago. 2023. p. 1.

10 MUSEU..., 2021. p. 1.

colocam objetos em diálogo permanente, seja pela recriação de ambientes de época, por relações tipológicas ou por recortes temáticos¹¹.

A exposição a que ora nos reportamos é um desses ambientes que trazem à baila ou, melhor, a público uma história ainda por ser feita, que num diálogo mais aberto corrobora para os repertórios que ajudam a legitimar o saber historiográfico. mas que não se encerram ali; ao contrário, atravessam os muros acadêmicos.

“MODERNAS! SÃO PAULO VISTA POR ELAS”: UMA EXPOSIÇÃO, SETE MULHERES.

É, ou pretendia ser, uma micro-história de um ofício e das suas derrotas, vitórias e misérias, como todos desejam contar, quando sente próximo de ver encerrar-se o ciclo da sua trajetória e a arte deixa de ser longa¹².

Sob o olhar interseccionado de Ilana Feldman e Priscyla Gomes, a exposição intitulada “Modernas! São Paulo vista por elas”¹³, realizada no início 2024 no Museu Judaico de São Paulo, é fruto da pesquisa da doutoranda em História Social pela USP Thaís Carneiro, que buscou reunir

Cerca de 81 imagens da cidade registradas entre 1940 e 1990 por sete mulheres que fugiam da perseguição nazista na Europa. Alice Brill, Claudia Andujar, Gertrudes Altschul, Hildegard Rosenthal, Lily Sverner, Madalena Schwartz e Stefania Brill encontraram na fotografia uma forma de se relacionar com o território em que desembarcaram, e seus olhares sobre a cidade trazem na bagagem diferentes repertórios e influências vanguardistas¹⁴.

A história das sete fotógrafas mulheres de origem judaica – ou que tinham alguma ligação com esse universo –, que chegaram ao Brasil na primeira metade do século passado, contada em parceria com o Instituto Moreira Salles, aproxima o público a mais uma das experiências ausentes da história dos “Judeus que construíram o Brasil” e da historiografia como um todo. No que toca a amostra em si, o diretor-executivo do museu explica que ela é fruto da

[...] intenção de mirar os holofotes para a produção de mulheres fotógrafas cujo reconhecimento não se deu na mesma medida dos seus pares homens no contexto da arte moderna no País, mas que merecem igualmente ser vistas e celebradas pelo que foram e realizaram enquanto artistas e cidadãos¹⁵.

11 CARVALHO, B. L. P. Museus para pensar o presente em perspectiva histórica. entrevista com Paulo Knauss. In: CARVALHO, B. L. P.; TEIXEIRA, A. P. T. (org.). *História Pública e divulgação de História*. São Paulo: Letra e Voz: 2019. p. 139-153. p. 140.

12 LEVI, P. *A tabela periódica*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Inclui entrevista de Primo Levi ao escritor Philip Roth. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. p. 408.

13 FELDMAN, I.; GOMES, P. Modernas! São Paulo vista por elas. *Museu Judaico de São Paulo*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://museujudaicosp.org.br/exposicoes/modernas-sao-paulo-vista-por-elas/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

14 MODERNAS! São Paulo vista por elas. *Select*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://select.art.br/agenda/modernas-sao-paulo-vista-por-elas/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

15 EXPOSIÇÃO revela presença judaica na formação do modernismo brasileiro. *Estadão*, São Paulo, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/moda/exposicao-revela-presenca-judaica-na-formacao-do-modernismo-brasileiro>. Acesso em: 22 ago. 2023.

Artista plástica, gravadora, ensaísta, além de fotógrafa, Alice Brill (1920-2013) fugiu da Alemanha no ano de 1934, quando chegou ao Brasil. De origem judaica, conta em um de seus relatos que a fotografia sempre esteve presente em sua vida e, ao que tudo indica, seu pai, pintor e artista plástico, foi sua maior influência. No auge de sua adolescência, ela conta que na fuga, teria trazido consigo na bagagem um presente de seu pai:

Uma minicâmera Agfa, tipo caixão, produzindo fotos de 3 x 4 cm. Com ela registrei as impressões da viagem pela Espanha e Itália, antes da emigração definitiva para o Brasil. Sempre estive muito ligada à representação das imagens, praticando desenho e pintura, além da fotografia. Esta atividade me ajudou muito a superar as dificuldades que a vida de emigrante impõe¹⁶.

A avidez de Alice pelas artes e pela fotografia pode ser sentida logo que chega a São Paulo, onde se associou a pintores paulistas e teve grandes mestres. Com o auxílio de uma bolsa de estudos, ela estudou fora do país e expandiu seu talento para outras áreas também ligadas ao mundo das artes, mas foi à fotografia que dedicou boa parte de sua vida. Já estabelecida no Brasil, a artista trabalhou em colunas de jornais de expressiva circulação, revistas de arquitetura e artes plásticas.

Seu talento parecia não ter limites. Em suas viagens para diferentes regiões do país, Alice destacava-se como uma excelente retratista, “com olhar especialmente lírico para a infância”¹⁷.

Trata-se, portanto, de um extenso acervo recheado de pinturas, desenhos, retratos de viagem, além das coleções referentes à sua participação na I Bienal de São Paulo, na década de 1950, e que contam com dezenas de exposições de artes plásticas e fotografias no Brasil e no exterior.

Em 2005, o IMS organizou a retrospectiva O mundo de Alice Brill. Em sua obra de notável diversidade temática, destacam-se os conjuntos em que retratou a cidade de São Paulo em processo de modernização sob vários ângulos, como se buscasse compor um painel exaustivo, do luxo das mansões de Higienópolis ao mundo do trabalho – e que lhe valeram participação na exposição e no livro São Paulo 450 anos: a memória e as imagens da cidade no acervo do Instituto Moreira Salles, em 2004¹⁸.

De origem judaica, nascida na Polônia, Stefania Brill (1922-1992), migrou com sua família para o Brasil no ano de 1950. Antes disso, Stefania e sua família viviam em Varsóvia do lado alemão e, para escaparem das investidas nazistas, tiveram que, por um tempo, assumir identidade falsa. Aqui, tão logo chegou, por insistência de seu companheiro, passou a desenvolver atividades na área da química e, a partir de então, envolveu-se em estudos importantes relacionados tanto a descobertas na área da bioquímica quanto da física nuclear.

16 ALICE Brill. *Escritório de Arte*, 2023. Disponível em: <https://www.escriitoriodearte.com/artista/alice-brill>. Acesso em: 24 out. 2023.

17 INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Alice Brill. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017a. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-alice-brill/>. Acesso em: 24 out. 2023.

18 IMS, 2017a.

Seu encontro com o universo da fotografia foi tardio, no final da década de 1960, porém dele nunca mais se desvencilhou. O período no país era de efervescência; grandes mudanças estavam ocorrendo, afinal, eram os “anos de chumbo”. Stefania participou ativamente da formação do novo contexto que no país se desenhava.

O advento da comunicação de massa, a explosão da contracultura; a dissolução das fronteiras entre as linguagens artísticas, foram alguns dos fatores que garantiram um novo lugar para a imagem no mundo contemporâneo. No Brasil, o fotojornalismo tornou-se ainda uma potente fonte de resistência à censura e à opressão durante a ditadura militar¹⁹.

Enquanto crítica de fotografia, Stefania participou de jornais de grande circulação, colaborando também em revistas e atuando como produtora cultural, idealizadora e coordenadora de projetos importantes ligados ao mundo da fotografia pelo país.

Autora de duas obras²⁰ voltadas para a discussão das “diversas possibilidades da imagem fotográfica, seu lugar social, seus aspectos éticos e filosóficos, suas vertentes artística e documental”, Stefania também contribuiu fortemente para a disseminação da literatura voltada para a fotografia internacional no país²¹.

Claudia Andujar, nascida em 1931, veio a se fixar no Brasil no ano de 1955. Também de origem judaica, nascida na Suíça, aqui iniciou sua carreira de fotógrafa como forma de conectar-se ao país que lhe fora refúgio, mas sobre o qual pouco sabia.

Entre as inúmeras atividades realizadas pela artista, o destaque é para seu trabalho realizado junto ao povo Yanomami. Ao ser enviada à região amazônica para uma reportagem fotográfica sobre a Amazônia na década de 1970, Claudia encantou-se por aquela etnia e, em meio a um estado ditatorial que no país se abatia, a artista revelou ao mundo a tragédia que se abatia sobre aqueles sujeitos, quando “comunidades inteiras, algumas com 1.500 indivíduos, estavam sendo dizimadas, na esteira da abertura de estradas e da invasão por garimpeiros de suas terras”²².

Claudia dedicou boa parte de sua carreira aos crimes cometidos contra a população Yanomami. Arte e política passaram a caminhar juntas, e a fotografia tornou-se o seu instrumento de luta e denúncia. O acervo conta com

Mais de 200 imagens e uma instalação da fotógrafa e ativista, além de livros e documentos sobre a trajetória do povo em busca de sobrevivência. O conjunto, apresentado no IMS Paulista entre dezembro de 2018 e abril de 2019, e no IMS Rio entre julho e novembro

19 INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Stefania Bril. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017e. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-stefania-bril/>. Acesso em: 24 out. 2023.

20 “Entre” (1974) e “A arte do caminhão” (1981).

21 IMS, 2017e.

22 CLAUDIA Andujar. *Revista Trip*, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/homenageados/2013/claudia-andujar>. Acesso em: 24 out. 2023.

de 2019, traça um amplo panorama do longo trabalho de Andujar junto aos Yanomami, retomando aspectos pouco conhecidos da luta da fotógrafa pela demarcação de terras indígenas, militância que a levou a unir sua arte à política²³.

Uma das pioneiras do fotojornalismo brasileiro, nascida em Zurique, também na Suíça, em 1913, mas registrada em Frankfurt, na Alemanha, Hildegard Rosenthal (1930-1990), embora não fosse judia, namorava um judeu, com quem acabou refugiando-se para o Brasil no ano de 1937. Trabalhou como fotógrafa em uma pequena agência de notícias e nela buscou retratar artistas e espaços urbanos, com destaque para a capital paulista. Lasar Segall (1891-1957) e o escritor Guilherme de Almeida (1890-1969)²⁴ estão entre os artistas apreciados pela fotógrafa. Mas foi após encerrar sua carreira como fotojornalista que ficou conhecida.

Nas horas vagas, Hildegard passou a fotografar crianças, “meninas japonesas fotografadas no bairro da Liberdade, engraxates e pequenos jornaleiros se destacam em suas fotos”, uma coleção que acabou sendo organizada pelo olhar atento do historiador Walter Zanini, responsável por sua primeira exposição individual no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, em 1974²⁵. Logo depois, a exposição “Memória paulista” inaugurava o Museu da Imagem e do Som na cidade e, no ano de 1977, Hildegard ganhou o prêmio de melhor fotógrafa na XIV Bienal Internacional de São Paulo²⁶.

Judia alemã, Gertrudes Altschul (1904-1962), migrou para o Brasil em 1939, vinda de sua cidade natal, Berlim, com o marido, Leon Altschul (1890-1975), fugindo do regime nazista. Radicou-se em São Paulo, onde dividiu seu tempo entre a fotografia e a produção de flores para chapéus em uma fábrica administrada pelo casal. O encontro com a fotografia ocorreu quando se inscreveu no curso básico de fotografia no Foto Cine Clube Bandeirante, um espaço majoritariamente frequentado por homens

Assim como a maioria membros do FCCB, Gertrudes Altschul também faz saídas fotográficas para registrar a cidade de São Paulo, que cresce de maneira vertiginosa. Fazem parte desse conjunto de fotografias imagens de canos de esgoto e céus enclausurados entre prédios, temas muito comuns aos participantes do fotoclubismo²⁷.

23 INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Claudia Andujar: a luta Yanomami. *IMS*, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/claudia-andujar-a-luta-yanomami-ims-rio/>. Acesso em: 24 out. 2023.

24 CATÁLOGO DAS ARTES. Hildegard Rosenthal. *Catálogo das Artes*, Brasília, 14 nov. 2006. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Hildegard%20Rosenthal%20-%20Hildegard%20Baum%20Rosenthal%20/>. Acesso em: 24 out. 2023.

25 MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA (MAC). Alice Brill. *MAC*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/entities/5158>. Acesso em: 22 ago. 2023.

26 Instituto Moreira Salles (IMS). Hildegard Rosenthal. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017b. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/43123/>. Acesso em: 24 out. 2023

27 ITAÚ CULTURAL. Gertrudes Altschul. *Itaú Cultural*, São Paulo, 26 out. 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa479601/gertrudes-altschul>. Acesso em: 24 out. 2023.

Mas o destaque da obra de Gertrudes estava em seu *modus operandi*. Ocorre que o interesse da artista extrapolava o trabalho de captar imagens: o foco voltava-se para “a pós-produção delas, produzindo inclusive fotomontagens em um laboratório que ela mesma montou na casa onde morava”²⁸.

O *hobby* aos poucos foi dando lugar a uma carreira sólida e que despertava a atenção. Inspirada pelo trabalho que realizava em sua fábrica de flores decorativas para chapéus e roupas feminina, o olhar moderno sobre a natureza e a botânica são as marcas registradas de sua obra, rendendo-lhe prêmios e publicações.

A fotógrafa belgo-brasileira, de origem judaica, Lily Sverner (1934-2016), viveu em São Paulo até seus 82 anos de idade, vindo a falecer no ano de 2016. Nascida em 1934, na Antuérpia, Bélgica, ela se refugiou no Brasil no ano de 1941, primeiramente Rio de Janeiro, depois mudou-se com a família para São Paulo, onde estudou fotografia.

Lily iniciou na fotografia na década de 1970 e, no final da década de 1980, criava junto a um colega a primeira editora dedicada à edição de livros de fotografia do país, permanecendo na fotografia até o fim de sua vida.

O destaque de sua obra está nas exposições intituladas *Mulheres e feitiços* e *Chapéus e Padarias*, ambas marcadas pela característica surrealista, expressada no “olhar atento e afetivo sobre o cotidiano, o inusitado e o insólito”, fruto de suas andanças pelo país e na própria São Paulo, em projetos que “incorporam elementos tanto de memória, como de afetividade e subjetividade”, obtidos em espaços como asilos e orfanatos²⁹.

Madalena Schwartz (1921-1993) era de origem judaico-húngara, nascida em Budapeste, de onde ainda bem jovem viu-se obrigada a fugir com sua família do perigo nazista. Buenos Aires, capital da Argentina, foi refúgio, ao mesmo tempo que lugar onde Schwartz acabou se casando e tendo filhos. Na década de 1960, veio a fixar-se em São Paulo, onde conheceu o mundo da fotografia; “o apuro técnico obtido por Madalena, uma mestre do claro-escuro, é ainda mais impressionante quando se sabe que ela descobriu tardiamente sua vocação”³⁰.

28 CARVALHO, E. Gertrudes Altschul. *Das Artes*, Rio de Janeiro, 15 jan. 2022. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/gertrudes-altschul/>. Acesso em: 09 out. 2023.

29 INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Lily Sverner. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017c. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-lily-sverner/>. Acesso em: 9 out. 2023

30 INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Madalena Schwartz. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017d. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-madalena-schwartz/>. Acesso em: 9 out. 2023.

Residente num importante bairro boêmio frequentado por artistas e intelectuais, Madalena deparou-se com a fotografia; tinha então 45 anos. Ainda que tardiamente, o encontro com o universo da arte garantiu-lhe prêmios dentro e fora do país.

Em “plena ditadura militar”, Madalena desafiava a censura trazendo para suas lentes travestis e transformistas “que transitavam pelos bares, boates e salões paulistas”³¹. É na mostra *Madalena Schwartz: as Metamorfoses – Travestis e transformistas na SP dos anos 1970*, exibida pelo Instituto Moreira Salles no ano de 2021, em comemoração ao centenário da artista, que a fotografia como ato político se mostra como marca do trabalho da artista, que, num contexto de extremo conservadorismo, não economizava em retratar o universo trans e suas existências silenciadas, perseguidas, oprimidas e assassinadas.

O SENTIDO DA FOTOGRAFIA PARA REESCREVER NARRATIVAS CIDADINAS

*Enquanto pessoas reais estão no mundo real matando a si mesmas ou matando outras pessoas reais, o fotógrafo se põe atrás de sua câmera, criando um pequeno elemento de outro mundo: o mundo imagem, que promete sobreviver a todos nós*³².

Pensar a fotografia como captura de um momento e aporte de extensão da permanência de uma imagem. A ação de um artista de tentar paralisar o tempo e eternizá-lo em uma imagem que pode para as futuras gerações foi uma viagem no tempo passado.

Walter Benjamin, em seu ensaio sobre a “Pequena história da fotografia”, escrito em 1931³³, faz uma análise epistêmica sobre o sentido da reprodução da imagem por meio da fotografia, levando em consideração a renovação da experiência estética no mundo de reprodução em massa e a perda da aura, da autenticidade da arte. Apesar das críticas à modernidade, considera também a fotografia como uma renovação das possibilidades de se narrar o passado, um mecanismo humano de fixação e novo instrumento de observação da natureza. Para Benjamin, tanto o ato de fotografar (considerando as intencionalidades do artista) quanto o contato do público com a disposição dessas imagens podem indicar a resistência ao tempo que passa.

Benjamin foi um teórico-filósofo-historiador que escreveu sobre seu tempo. Judeu, filho único de uma família rica vivendo na Alemanha, olhou para seu contexto histórico com um olhar problematizador, questionando as estruturas de exclusão social e as narrativas excludentes. Assim

31 GAMA, G. Madalena Schwartz fazia do ato fotográfico um gesto existencial e político. *Jornal da USP*, São Paulo, 10 fev. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/madalena-schwartz-fazia-do-ato-fotografico-um-gesto-existencial-e-politico/>. Acesso em: 9 nov. 2023. p. 1.

32 SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977. p. 12.

33 BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. Tradução de Sergio P. Rouanet). In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, [1931] 1987. p. 91-107.

como as artistas judias que produziram a gama de fotografias para trazer um olhar cotidiano sobre a existência judaica na paisagem brasileira, Benjamin buscou na Alemanha o seu próprio reconhecimento de existência e de outras formas de se produzir conhecimento histórico.

Assim, entrecruzar a experiência estética de Walter Benjamin com as intencionalidades artísticas expostas na exposição “Modernas! São Paulo vista por elas” torna possível a reflexão de um espaço de experiência criativa, mobilização dos sentidos do sujeito, voltados para a vontade de eternizar determinado acontecimento, demonstrando resistência ao tempo e ao esquecimento. As fotógrafas encontraram na fotografia, ao mesmo tempo, uma forma de se relacionar com sua nova morada.

A fotografia, segundo Walter Benjamin³⁴, pertence à invenção para o domínio público. Ele considera a arte fotográfica como propriedade de transportar uma intencionalidade pelo tempo. Pela fotografia pode se atribuir permanência à nossa essência infinita, eternizar traços e vestígios que influenciam a próxima geração, por meio do olhar sensível. “A autenticidade de uma coisa [obra de arte] é a essência de tudo o que ela comporta de transmissível desde a sua origem, da duração material à sua qualidade de testemunho histórico”³⁵.

Sendo assim, oferece-se matéria para observação, como um atlas, feito de rosto e corpos, vivendo o que há de real no mundo em “Modernas! São Paulo vista por elas”; a história se tornou um relato, uma narrativa, uma expressão da existência judaica, incontestável e edificante, pois representou múltiplas manifestações da vida dos judeus paulistanos contra uma atividade sóbria da paisagem citadina paulistana higienista, que ainda tentava se passar na entrada do século XX.

A fotografia se mostra, assim, como uma escolha subjetiva, mas é também um discurso político, representando um discurso de resistência, permanência e reivindicação de reconhecimento. Nessas instâncias, além da essência artística, a fotografia se faz como forma discursiva de ordem política. Aquele que fotografa assume uma atitude de *flâneur* de encontro à paisagem urbana: “É o olhar do *flâneur*, cuja forma de vida envolve com um halo conciliador a desconsolada forma de vida vindoura do homem da grande cidade”³⁶. Com seu olhar aguçado e resistente às fantasmagorias da cultura capitalista, iluminou filosoficamente a realidade significativa, de teor político reivindicatório de sua existência e dos rostos que ele enxerga.

A potencialidade do fotografar mobiliza problemas estéticos e morais, agrega em suas representações corpos, paisagens, acontecimentos e interpretações do artista que a retrata. Nas

34 BENJAMIM, W. *Pequena história da fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

35 BENJAMIM, W. *Estética e sociologia da arte*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 15

36 BENJAMIN, [1931] 1987, p. 39.

artes, o artista imprime sua identidade seja pelas cores, expressa na ponta do pincel, seja pela junção de palavras significativas e sonoras ou pela imagem que mimetiza o tempo já passado, mas que deixa rastros. A mobilização da subjetividade, isto é, o uso imaginativo, encontra a intencionalidade da comunicação e o sentido interpretativo daquele que vê. Desperta os referenciais das experiências, que transformam e determinam um modo de ver, criando alternativas para revisitar discursos oficializados, mas que muitas vezes se mostram excludentes ou vagos demais.

Ao adentrar e caminhar por entre um corredor de fotos, em que se valoriza a vida e a presença, a ação e o sentido do próprio viver refazem caminhos de percepções, despertam para outras narrativas, vivas, latentes e urgentes. Por meio da experimentação, invocam no observador uma impressão mais persistente e durável com outras temporalidades, estabelecem um diálogo entre o presente e possíveis passados, que se encaram, exercem influências mútuas para a sensibilização do olhar e invocam no observador uma impressão mais persistente e durável.

A normalidade impressa na cotidianidade retratada nas fotografias narra o contexto citadino paulistano, a representação do dia a dia de um judeu na entrada do século XX. Essa “normalidade” cotidiana encaminha para o embate dialético de imagens, pois em coexistência, no século XX, apresentava uma outra imagem, criada pelo nazismo na Segunda Guerra. Fotografias que desumanizam, agregadas a um discurso de ódio e de exclusão. As fotografias presentes na exposição do MJU nos abrem possibilidades para outras narrativas históricas de resistência e ressignificação.

Na fotografia surge algo de estranho e de novo: na vendedora de peixes de New Haven, olhando o chão com um recato tão displicente e tão sedutor, preserva-se algo que não se reduz ao gênio artístico do fotógrafo Hill, algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquela que viveu ali, que também na foto é real, e que não quer extinguir-se na “arte”³⁷.

Walter Benjamin pensava por meio de imagens, buscava num processo de símile, nos pequenos recortes, a construção do seu pensamento histórico; assim como nossas artistas judias, Benjamin buscou, nos detalhes da vida cotidiana, brechas para ressignificação da existência humana. Para ele, “Habitar significa deixar rastros”, que imprimem suas marcas identitárias em forma de resistência à passagem do tempo. Nos rostos anônimos da multidão, há um significado a mais para as subjetividades produzidas na modernidade. Como na manifestação dos rostos que habitam as grandes metrópoles, ao aproximar os sentidos, nos deparamos com rostos humanos, detentores de identidades únicas e que representam um estar no mundo, onde a existência se desfaz em versos implícitos de resistência e reafirmação da sua identidade e origens.

37 BENJAMIM, 1994, p. 93.

Nos detalhes retratados, desvendam-se microcosmos de significados criados pelas experiências subjetivas que formam cada sujeito. Sendo assim, na captura do horizonte no ato cotidiano de ação do sujeito, retratada na imagem em repouso, impressa na fotografia, depreende-se, instantaneamente, em um pedaço (recorte) etc. que paralisa e resiste à passagem temporal:

Mundo de imagens habitando as coisas mais minúsculas, suficientemente ocultas e significativas para encontrarem um refúgio nos sonhos diurnos, e agora, tornando-se grandes e formuláveis, mostram que a diferença entre a técnica e a magia é uma variável totalmente histórica³⁸.

A História Pública está ligada “a como adquirimos nosso senso de passado”³⁹. Nesse sentido, revisitar o passado por meio do conjunto de significados produzidos pela junção das fotografias, enquanto uma galeria fisionômica dos judeus vivendo em São Paulo, se torna matéria de observação de uma existência pouco narrada e quase invisibilizada pelas narrativas históricas dominantes do pensamento ocidental, mas que muitas vezes não consegue (ou não quer) abranger outras possibilidades de pensar o mundo cotidiano.

O Brasil foi moradia de inúmeros profissionais estrangeiros que se fixaram no país em busca de novos mercados ou como refugiados, por razões políticas e econômicas. Em relação às fotógrafas mulheres, elas começaram a imigrar no país em maior escala a partir de 1930⁴⁰.

Ao contemplar a trajetória dessas sete mulheres, herdeiras ou conectadas ao universo judaico, a exposição organizada pelo MUJ traz ao público brasileiro pela primeira vez uma história que se entrelaça ao desenvolvimento da fotografia brasileira e que muito contribuiu para a consolidação de uma “linguagem visual da fotografia moderna, por meio de novas técnicas e equipamentos que adquiram no exterior”⁴¹, mas vai além disso, uma vez que

[...] a dimensão de gênero torna-se uma categoria transversal de análise, no sentido de identificar a presença e atuação das mulheres nos fluxos migratórios, ao mesmo tempo em que também explicita o ocultamento das mulheres nos processos de deslocamento, incitando a tarefa de ressignificar as narrativas migratórias constituídas sob uma visada monolítica [...]⁴².

O discurso fotográfico presente no trabalho de Alice Brill, Claudia Andujar, Gertrudes Altschul, Hildegard Rosenthal, Lily Sverner, Madalena Schwartz e Stefania Bril traz as marcas

38 BENJAMIM, 1994, p. 93.

39 LIDDINGTON, J. O que é história pública? In: SANTHIAGO, R.; ALMEIDA, J. R. A.; ROVAI, M. G. O. (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31-52. p. 34.

40 HALLAL, M. C. L. Fechar os olhos para ver: discursos fotográficos de Stefânia Bril sobre a cidade de São Paulo (1970). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RS - História & resistências, 15., 2020, Passo Fundo. *Anais [...]*. Porto Alegre: Anpuh, 2020. v. 1. p. 1-15. Disponível em: https://www.eeh2020.anpuh-rs.org.br/resources/anais/15/anpuh-rs-eeh2020/1598046777_ARQUIVO_293ce1fa9b36a494a5b07821c2d38bed.pdf. Acesso em: 9 nov. 2023.

41 HALLAL, 2020. p. 2.

42 PITOL, A. Madalena Schwartz: um percurso migratório na fotografia brasileira. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design*: UFJF, Juiz de Fora, v. 6, n. 1-2, p. 112-136, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32685/23221>. Acesso em: 9 out. 2023. p. 114.

do cosmopolitismo judaico, o mesmo de outrora dado como crime pelos nazistas ressentidos do judeu “cidadão do mundo”.

Muito embora seja possível encontrar a construção civil e o fluxo urbano nas obras, o foco dos registros feitos por essas mulheres, estrangeiras, judias, cosmopolitas, não se centra na arquitetura que marcava e encantava os transeuntes que pela “Paulicéia Desvairada” passavam. São as cenas cotidianas típicas de uma cidade tomada pelo *boom* econômico que se despia do provincianismo que protagoniza o acervo composto pelas 81 imagens de São Paulo das décadas de 1940-1990 expostas no MUJ.

UM FINAL, UM COMEÇO: TESSITURAS FUTURAS

“A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ (‘Ausnahmezutand’) em que vivemos é a regra”⁴³.

Apesar de divulgadas e expostas em grandes museus de arte aqui e no exterior, publicadas em revistas e jornais de circulação expressiva, as obras trazidas pelo MUJ e que trazem a presença judaica feminina no modernismo brasileiro estavam presas a um público seletivo, especializado.

São trabalhos que se relacionam com o espaço público daquele período, não só no que toca as transformações pelas quais São Paulo passava, mas numa conjuntura maior, transgressora, tendo em vista a censura que pairava sobretudo na classe artística. Dos sentidos e significados que atribuem aos acontecimentos históricos do período em que ocorrem, as fotografias trazem os novos contornos arquitetônicos que alterarão completamente o tecido urbanístico de SP, mas também, e aqui consideramos o mais importante, sai da superfície e mergulha nas populações que estarão fora desse projeto: mulheres, andróginas, travestis, gays, mas não só, idosas, trabalhadoras, negras e indígenas.

“Modernas! São Paulo vista por elas” confirma ao menos três importantes aspectos que gostaríamos de elencar: os trabalhos singulares realizados pelas sete fotógrafas ajudaram a construir a identidade do modernismo brasileiro; a marca da “florescência do judaísmo alemão e europeu” no repertório sociocultural presente nas obras; e a condição de refúgio a qual lhes fora imposta.

Diaspóricas, o que essas fotógrafas têm em comum para além da fotografia e da própria diáspora, essa que acompanha a longa história daqueles que carregam o sangue hebreu, é o passado traumático que levou à *Shoah*, mas, por alguma razão, essas mulheres sobreviveram,

43 BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, I). p. 245.

escaparam, resistiram a ele. Publicado em um pequeno periódico judaico, *The Menorah Journal*, no ano de 1943, o ensaio *We refugees* (Nós Refugiados), de Hannah Arendt, esclarece algumas questões que muito contribuem para “a questão judaica” ou o “problema judaico”⁴⁴. A primeira delas refere-se à nomenclatura *refugiados*, sobre a qual explica:

A refugee used to be a person driven to seek refuge because of some act committed or some political opinion held. Well, it is true we have had to seek refuge; but we committed no acts and most of us never dreamt of having any radical political opinion. With us the meaning of the term “refugee” has changed. Now “refugees” are those of us who have been so unfortunate as to arrive in a new country without means and have to be helped by refugee committees⁴⁵.

Seriam, então, o otimismo, a capacidade de se assimilarem, a rapidez com a qual aprendem o novo idioma e passam a chamar o novo país de “nossa nova casa”, segundo a autora, o que nos ajuda a compreender o que é ser um judeu?

O sentido do refugiado, o “estrangeiro”, está ligado àquele que está à margem, que não é de casa, e, ao pousar o olhar sobre sua figura, o outro sente o estranhamento. O registro desse não pertencimento se entrega, assim, às lentes impassíveis da câmera fotográfica.

Nas análises benjaminianas acerca da imagem, novas hipóteses surgem sobre aquilo que se busca eternizar, durante a captura de um momento que escapa à fugacidade do tempo e sobrevive à sua passagem, permitindo que temporalidades se encontrem e conversem.

Assim, essas fotógrafas, em relação ao mundo evocado por suas fotografias, enfrentaram a missão típica do observador que investiga o seu tempo, com seu olhar inquieto e sensível às mudanças, penetrando as aparências exteriores, de modo a apreender e compreender um mundo de dentro, expresso nas relações mais íntimas e constituintes dos mais ínfimos detalhes, olhar plasmado na existência compartilhada localizada na dimensão sensível do sujeito.

Assim, podemos imaginá-las como leitoras do mundo de maneira imaginativa, absortas em estudar e decifrar um texto cujo significado não se consegue captar sem a aproximação afetiva daquele que tenta capturá-la; é a fotografia enquanto possibilidade cognitiva.

“Clear up the future more scientifically” – “esclarecer o futuro de forma mais científica”, essa é a tônica das herdeiras da *Haskalá*, fortemente arraigada em seus modos de (re)existir; o significado das fotografias realizadas por essas mulheres carrega um judaísmo inegável, embebido

44 Optamos aqui pelo texto trazido na coletânea de textos judaicos de Arendt, publicada em 2007, intitulada: *The jewish writings*, que reúne num só volume textos previamente publicados e inéditos. Ver Arendt, 2007.

45 Um refugiado costumava ser uma pessoa levada a procurar refúgio por causa de algum ato cometido ou de alguma opinião política sustentada. Bem, é verdade que tivemos que procurar refúgio; mas não cometemos nenhum ato e a maioria de nós nunca sonhou em ter qualquer opinião política radical. Conosco, o significado do termo “refugiado” mudou. Agora, “refugiados” são aqueles de nós que tiveram a infelicidade de chegar a um novo país sem meios e tiveram de ser ajudados por comitês de refugiados. Arendt, 2007, p. 264, tradução livre.

de tradição, cosmopolita, emancipatório, dotado da “imaginação visual dos judeus”, aquela constatada por Deutscher⁴⁶ na obra de Marc Chagall.

REFERÊNCIAS

ALICE Brill. *Escritório de arte*, 2023. Disponível em: <https://www.escriitoriodearte.com/artista/alice-brill>. Acesso em: 24 out. 2023.

ARENDDT, H. *The Jewish writings*. New York: Schocken Books, 2007.

ARRUDA, F. Museu judaico de São Paulo é inaugurado conectando histórias, cultura e discussões contemporâneas. *Revista Museu*, São Paulo, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/12754-17-t11-2021-museu-judaico-de-sao-paulo-e-inaugurado-conectando-historias-cultura-e-discussoes-contemporaneas.html>. Acesso em: 22 ago. 2023.

BENJAMIM, W. *Estética e sociologia da arte*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BENJAMIM, W. *Pequena história da fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. Tradução de Sergio P. Rouanet. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, [1931] 1987. p. 91-107.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, I).

CARVALHO, B. L. P. Museus para pensar o presente em perspectiva histórica: entrevista com Paulo Knauss. In: CARVALHO, B. L. P.; TEIXEIRA, A. P. T. (org.). *História Pública e divulgação de História*. São Paulo: Letra e Voz: 2019. p. 139-153.

CARVALHO, E. Gertrudes Altschul. *Das Artes*, Rio de Janeiro, 15 jan. 2022. Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/gertrudes-altschul/>. Acesso em: 9 out. 2023.

CATÁLOGO DAS ARTES. Hildegard Rosenthal. *Catálogo das Artes*, Brasília, 14 nov. 2006. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Hildegard%20Rosenthal%20-%20Hildegard%20Baum%20Rosenthal%20/>. Acesso em: 24 out. 2023.

CLAUDIA Andujar. *Revista Trip*, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/homenageados/2013/claudia-andujar>. Acesso em: 24 out. 2023.

DEPOIS de 20 anos em obras, Museu Judaico de SP abre as portas neste domingo. *CNN Brasil*, São Paulo, 3 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/>

46 DEUTSCHER, 1970.

[viagemgastronomia/noticias/depois-de-20-anos-em-obras-museu-judaico-de-sp-abre-as-portas-neste-domingo/](#). Acesso em: 26 ago. 2023.

DEUTSCHER, I. *O judeu não-judeu e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

EXPOSIÇÃO revela presença judaica na formação do modernismo brasileiro. *Estadão*, São Paulo, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/moda/exposicao-revela-presenca-judaica-na-formacao-do-modernismo-brasileiro>. Acesso em: 22 ago. 2023.

FELDMAN, I.; GOMES, P. Modernas! São Paulo vista por elas. *Museu Judaico de São Paulo*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://museujudaicosp.org.br/exposicoes/modernas-sao-paulo-vista-por-elas/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

GAMA, G. Madalena Schwartz fazia do ato fotográfico um gesto existencial e político. *Jornal da USP*, São Paulo, 10 fev. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/madalena-schwartz-fazia-do-ato-fotografico-um-gesto-existencial-e-politico/>. Acesso em: 9 nov. 2023.

GERTRUDES Altschul. *Itaú Cultural*, São Paulo, 26 out. 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa479601/gertrudes-altschul>. Acesso em: 24 out. 2023.

HALLAL, M. C. L. Fechar os olhos para ver: discursos fotográficos de Stefânia Bril sobre a cidade de São Paulo (1970). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RS - História & resistências, 15., 2020, Passo Fundo. *Anais [...]*. Porto Alegre: Anpuh, 2020. v. 1. p. 1-15. Disponível em: https://www.eeh2020.anpuh-rs.org.br/resources/anais/15/anpuh-rs-eeh2020/1598046777_ARQUIVO_293ce1fa9b36a494a5b07821c2d38bed.pdf. Acesso em: 9 nov. 2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Alice Brill. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017a. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-alice-brill/>. Acesso em: 24 out. 2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Claudia Andujar: a luta Yanomami. *IMS*, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/claudia-andujar-a-luta-yanomami-ims-rio/>. Acesso em: 24 out. 2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Hildegard Rosenthal. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017b. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/43123/>. Acesso em: 24 out. 2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Lily Sverner. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017c. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-lily-sverner/>. Acesso em: 9 out. 2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Madalena Schwartz. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017d. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-madalena-schwartz/>. Acesso em: 9 out. 2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Stefania Bril. *IMS*, São Paulo, 1 jun. 2017e. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-stefania-bril/>. Acesso em: 24 out. 2023.

LEVI, P. *A tabela periódica*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Inclui entrevista de Primo Levi ao escritor Philip Roth. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LIDDINGTON, J. O que é história pública? In: SANTHIAGO, R.; ALMEIDA, J. R. A.; ROVAI, M. G. O. (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31-52.

MODERNAS! São Paulo vista por elas. *Select*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://select.art.br/agenda/modernas-sao-paulo-vista-por-elas/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MUSEU de arte contemporânea (MAC). Alice Brill. *MAC*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/entities/5158>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MUSEU Judaico de São Paulo é inaugurado conectando histórias, cultura e discussões contemporâneas. *Revista Museu*, São Paulo, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/12754-17-11-2021-museu-judaico-de-sao-paulo-e-inaugurado-conectando-historias-cultura-e-discussoes-contemporaneas.html>. Acesso em: 26 ago. 2023.

NOVINSKY, A. W. *Cristãos-novos na Bahia: a inquisição 1624-1654*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PITOL, A. Madalena Schwartz: um percurso migratório na fotografia brasileira. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design: UFJF*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1-2, p. 112-136, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32685/23221>. Acesso em: 9 out. 2023.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SORJ, B. *Judaísmo para todos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Recebido em: 28/11/2023 • Aprovado em: 18/02/2024